

AS CESTAS AGROECOLÓGICAS EM PRIMAVERA (SP) COMO RESISTÊNCIA PRODUTIVA DO MST: DA TEORIA A PRÁTICA

AGROECOLOGICAL BASKETS IN PRIMAVERA (SP) AS PRODUCTIVE RESISTANCE OF THE MST: FROM THEORY TO PRACTICE

LAS CESTAS AGROECOLÓGICAS EN PRIMAVERA (SP) COMO RESISTENCIA PRODUCTIVA DEL MST: DE LA TEORÍA A LA PRÁCTICA

Lara Dalperio Buscioli¹
lara.buscioli@unesp.br

Resumo: A agroecologia se estabelece no campo científico por meio de diferentes técnicas, disciplinas, aportes teóricos-metodológicos em consonância com os saberes tradicionais do campesinato, que buscam a partir de uma análise crítica da crise socioambiental avançar na consolidação das resistências produtivas no âmbito agroecológico, como é o caso das cestas agroecológicas em Primavera (SP) que se consolidou como importante instrumento de luta e resistência produtiva para o MST, sendo o objeto de estudo deste trabalho. O projeto das cestas contribui para o processo de transição produtiva dos camponeses e processo formativo-político dos consumidores, permite o debate da soberania alimentar via doações de cestas neste período de Pandemia da COVID-19, cria laços de afetividades entre os produtores e consumidores e leva consumo de alimentos saudáveis livres de agrotóxicos à população.

Palavras-chave: Paradigmas da Questão Agrária. Modelos de Desenvolvimentos. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Agroecologia. Cestas Agroecológicas.

Abstract: Agroecology is established in the scientific field through different techniques, disciplines, theoretical-methodological contributions in line with the traditional knowledge of the peasantry, who seek, from a critical analysis of the socio-environmental crisis, to advance in the consolidation of productive resistance in the agroecological sphere, such as this is the case of agroecological baskets in Primavera (SP), which has consolidated itself as an important instrument of struggle and productive resistance for the MST, and is the object of

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Faculdade de Ciências e Tecnologia na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” em Presidente Prudente.

study in this work. The basket project contributes to the productive transition process of peasants and the formative-political process of consumers, allows for the debate of food sovereignty via donations of baskets in this period of the COVID-19 Pandemic, creates bonds of affection between producers and consumers and takes consumption of healthy foods free of pesticides to the population.

Keywords: Paradigms of the Agrarian Question. Development Models. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Agroecology. Agroecological baskets.

Resumen: La agroecología se establece en el campo científico a través de diferentes técnicas, disciplinas, aportes teórico-metodológicos en consonancia con los conocimientos tradicionales del campesinado, que buscan, a partir de un análisis crítico de la crisis socioambiental, avanzar en la consolidación de resistencias productivas en el ámbito agroecológico, como es el caso de las canastas agroecológicas en Primavera (SP), que se ha consolidado como un importante instrumento de lucha y resistencia productiva para el MST, y es objeto de estudio en este trabajo. El proyecto de las cestas contribuye al proceso de transición productiva de los campesinos y al proceso formativo-político de los consumidores, permite el debate de la soberanía alimentaria vía donaciones de canastas en este período de Pandemia del COVID-19, crea lazos de afecto entre productores y consumidores y lleva consumo de alimentos saludables libres de pesticidas a la población.

Palabras Clave: Paradigmas de la Cuestión Agraria. Modelos de desarrollo. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Agroecología. Cestas agroecológicas.

INTRODUÇÃO

“Vocês não matam nem a fome que há na terra. Nem alimentam tanto a gente como alegam. É o pequeno produtor que nos provê...”
Chico César e Carlos Rennó

Partimos do pressuposto de que a agroecologia deve ser entendida como um campo científico que envolve diferentes formas paradigmáticas de análise de seus processos via valorização, utilização de técnicas, métodos e teorias neste conhecimento em consonância com os saberes tradicionais do campesinato e também como uma forma de resistência ao avanço do capitalismo no campo, sobretudo brasileiro, em que os movimentos socioterritoriais camponeses ganham destaque na sua forma de produção e comercialização.

Pois, a agroecologia e suas práticas (a nível material e imaterial) refletem um modo de vida, uma tradição e uma cultura que visa à produção de alimentos de forma autônoma, sem prejuízo à natureza e ligada à luta pela terra/reforma agrária. Surgindo como uma forma de desenvolvimento para o campo que contrapõe o modelo de produção capitalista, segundo Gúzman (2001), fazendo frente ao avanço do neoliberalismo e do processo de globalização

da economia, respeitando o meio ambiente a partir da sua diversidade ecológica/sociocultural dos saberes tradicionais.

Compreendemos o campesinato como aquele sujeito que tem a predominância do trabalho familiar em sua unidade de produção, precisando do território/terra para sua reprodução. Fernandes (2014) apresenta que, no campesinato, sua relação social e forma de organização do trabalho podem ser familiar e associativa, cooperativa, não tendo as relações capitalistas. Por exemplo, quando uma família camponesa tem como base de renda a mais-valia, ela se transforma em capitalista.

Almeida (2003), aponta que o camponês por meio da terra constrói sua identidade, que “se faz possível pela comunhão de sentido em torno do que a terra representa, ou seja, a partir da objetividade-subjetividade comum a todos eles” (p. 299), produzindo nem que for apenas para sua subsistência e manutenção da casa ou mesmo na comercialização dos produtos.

Regionalmente e economicamente o projeto do campesinato tem gerado, em diferentes territórios, modificações significativas e com a agroecologia isto se reforça. Segundo Lizárraga e Vacaflores (2008) eles são responsáveis pela venda de produtos frescos e saudáveis, pela preservação do meio ambiente, conservação da biodiversidade, ou seja, responsáveis pelo controle territorial regional. Resultando na construção de autonomia a partir dos mercados, restaurando os solos reconfigurando os territórios materiais e imateriais do campesinato sempre que lutaram e resistiram (ROSSET; MARTÍNEZ-TORRES, 2012).

Como é o caso das Cestas Agroecológicas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no distrito de Primavera pertencente ao município de Rosana no estado de São Paulo, que se executa no campus da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) evidenciando ainda mais o papel das universidades na construção e contribuição com os movimentos socioterritoriais, em consolidação da agroecologia como prática, técnica, saberes tradicionais e ciência, conforme apresentaremos nas páginas que se seguem.

Assim, este trabalho tem como objetivo apresentar o projeto das cestas agroecológicas como forma de resistência produtiva do MST em Primavera (SP), buscando elucidar sua importância para a comunidade local e para o MST, que produzem por meio da

Associação Regional de Cooperação Agrícola (ARCA) nas perspectivas de geração de renda, consumo de alimentos saudáveis e contribuição para a soberania alimentar.

Para isso partimos de três procedimentos metodológicos da pesquisa que foram realizados no sentido de produzirmos informações quantitativas e qualitativas para o trabalho. Assim, iniciamos com a) pesquisas bibliográficas com os principais temas da pesquisa: Agroecologia, Paradigma do Capitalismo Agrário, Paradigma da Questão agrária, questão agrária, feiras etc.; b) Aplicação de entrevistas caráter formal e semiestruturadas, ou seja, por mais que em sua execução utilizamos um roteiro, tivemos a possibilidade para adicionarmos perguntas que julgamos pertinentes (COLOGNESE, MELO, 1998), realizadas via perguntas e com gravação de vídeos. Sendo que para este trabalho utilizaremos nomes fictícios devido ao caráter conflituoso dos territórios e atual conjuntura política de criminalização das ações do Movimento; c) Observação Participante no local de comercialização das cestas, entendendo que é um procedimento complexo de produção de informações, exigindo uma gama de atividades que tem o tempo como um dos elementos principais, bem como as anotações no caderno de campo por ordem cronológica, tópicos temáticos etc. (MAY, 2004; FOOTE-WHYTE, 1980), sendo realizadas atividades correlatas a comercialização dos alimentos, desde a reserva dos pedidos a venda.

Cabe destacar que parte deste trabalho, refere-se as discussões em desenvolvimento na tese de doutorado “Estado, Capital e movimento socioterritorial na produção de alimentos: os territórios da agroecologia no Pontal do Paranapanema (SP)”, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Processo: 2019/16813-7) realizada no Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista (UNESP) com orientação professor doutor Bernardo Mançano Fernandes.

A AGROECOLOGIA COMO CIÊNCIA E RESISTÊNCIA CAMPONESA DO MST: UM DEBATE NECESSÁRIO

“Os químico tira a vida e a agroecologia salva-vidas.”
Luiz, MST

Mendonça (2011) aponta que a agroecologia enquanto ciência se coloca a partir de diferentes perspectivas e não pode ser vista apenas no sentido de acúmulos de

conhecimentos, mas pelos distintos conhecimentos que os processos de aprendizagem sociais trazem através das suas interações. Se identificando como elemento de questionamento, buscando por meio da sua construção/desconstrução que interligam teorias-métodos científicos e saberes tradicionais (não científicos), explicar elementos de sistemas socioambientais complexos.

Pois, ela deve ser considerada no campo científico: “sem que isso a impeça de atingir seus objetivos de sustentabilidade e praticar seus princípios participativos. Pelo contrário, pode ajudá-la na geração de conhecimentos destinados a construir sistemas agroalimentares mais sustentáveis (BORSATTO; CARMO, 2013a, p. 5).

Nicolas Floriani e Dimas Floriani (2010), apontam que no quadro explicativo da agroecologia enquanto ciência temos os “sistemas de entendimento e explicação da realidade” que ocorrem e decorrem de conflitualidades de significação de diferentes objetos materiais e imateriais aliados a diferentes interesses (crenças, valores, práticas sociais de produção/apropriação/reprodução etc.). A estes “sistemas de entendimento e explicação da realidade”, compreendemos a partir da leitura de Kuhn (2005) e Fleck (2010) nas referências de paradigmas/estilos de pensamentos e a comunidade científica/coletivo de pensamento.

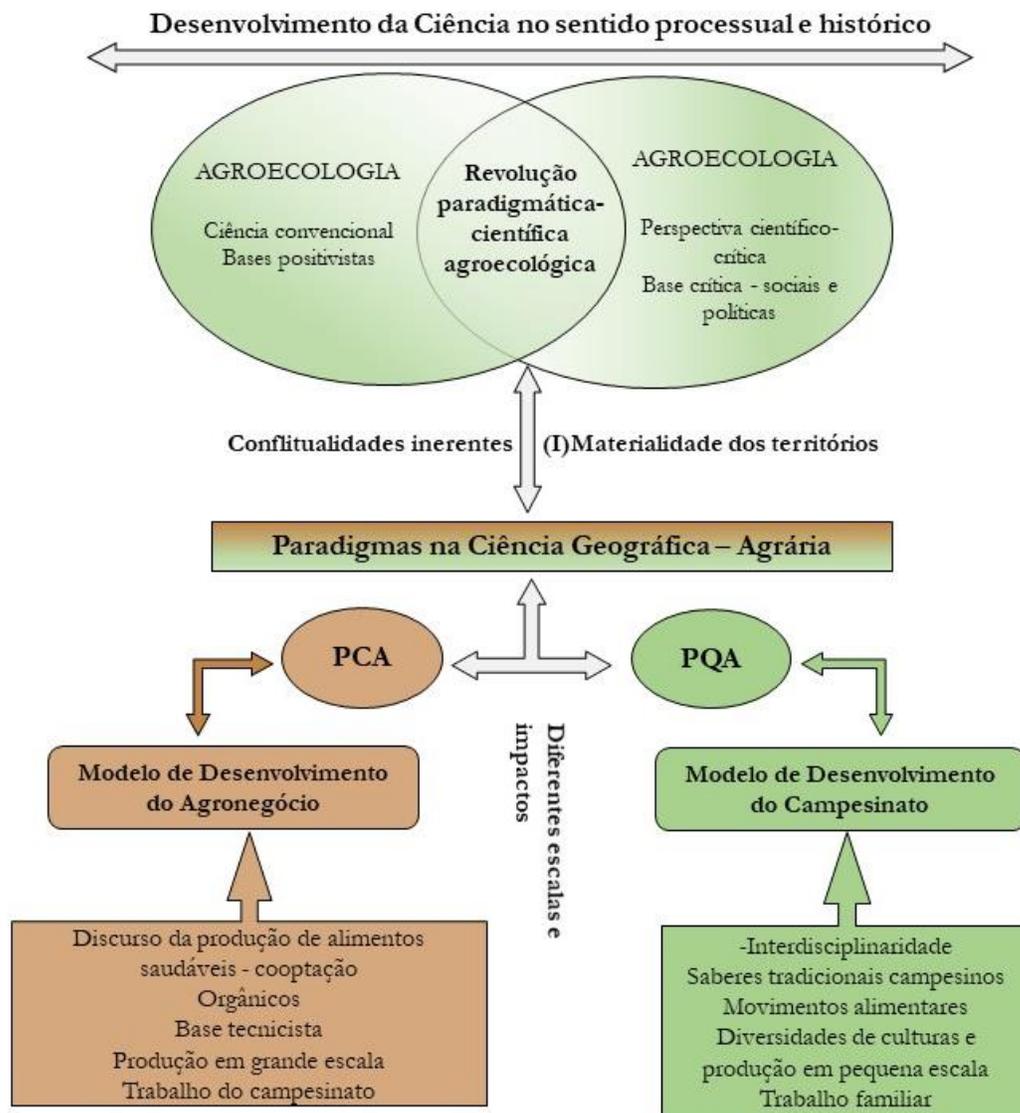
Para Kuhn (2007) os paradigmas são conhecimentos sustentados por leis, metodologias teorias etc.; e devem ser compartilhados e aceitos pela comunidade científica para permanecer. O processo de revolução científica decorre das fases do seu desenvolvimento em ciência normal e a ciência extraordinária que ocorrem apenas por rupturas, sem ligação e história com o paradigma anterior, assim, gera-se um novo paradigma sem haver a possibilidade de se ter mais de um num mesmo período histórico. Fleck (2010) nos auxilia a avançar no debate e compreender a partir da historicidade o desenvolvimento da ciência, que ocorre pelo coletivo de pensamento que compartilha um estilo de pensamento que não rompe totalmente com um novo no processo de revolução, mas traz elementos do anterior podendo ocorrer dois estilos de pensamentos no mesmo momento histórico.

Neste sentido, a agroecologia se coloca como elemento de revolução científica (paradigmas) trabalhados por Kuhn (2005), ao confrontar o autoritarismo na ciência positivista, que desconsidera os saberes tradicionais como elementos explicativos. E esta crise se coloca a partir do Paradigma vigente na Ciências Agrárias não explicarem em sua totalidade

a crise socioambiental que os territórios rurais estão enfrentando. (BORSATTO; CARMO, 2013a).

Assim, pensarmos nesta ruptura é irmos além destes elementos analíticos considerando outros campos de ações tal qual os criados/desconstruídos pelos movimentos socioterritoriais no âmbito político/social construindo seus conhecimentos, conforme podemos observar no Organograma 1.

Organograma 1: Paradigmas e modelos de desenvolvimentos dentro da Geografia Agrária e a Agroecologia enquanto Ciência



Org. BUSCIOLI, Lara Dalperio (2021)

Evidenciamos os paradigmas a partir da leitura de Kuhn (2005) e Fleck (2010) enquanto elementos de compreensão do desenvolvimento da Ciência que para este último autor decorre no sentido processual e histórico, onde o novo paradigma traz consigo elementos do paradigma anterior decorrente de uma diversidade de estilos de pensamentos, conforme podemos observar no Organograma 1. No caso da agroecologia compreendemos que sua valorização ocorre no momento processual da revolução paradigmática científica, que traz elementos para compreendermos as críticas relacionadas a ela e o modelo de desenvolvimento do agronegócio pautado atualmente como forma de produção enviesada sob lógicas capitalistas que gerou a crise ambiental da qual a agroecologia se coloca em contraposição.

Neste sentido, analisando o Organograma 1, compreendemos que a partir da Ciência Convencional, que a agroecologia se coloca sob o enfoque Ecológico, não rompendo totalmente com a base positivista, assim os destaques se evidenciam nos aspectos tecnológicos e de substituição de insumos dentro do agrossistema. Ou seja, por mais que a ideia era fazer frente ainda não atinge as causas ecológicas dos problemas ambientais derivado deste positivismo (BORSATTO; CARMO, 2012). Nas palavras dos autores:

As primeiras respostas se caracterizaram ainda por não romper radicalmente com a epistemologia dominante nas ciências convencionais. Alguns autores qualificam a Agroecologia derivada desse processo de ‘Agroecologia Dura’ (Dalgaard et al., 2003), enquanto outros de ‘Agroecologia Fraca’ (Guzmán Casado et al., 2000). Nessa primeira fase, a Agroecologia emerge como um enfoque pluridisciplinar ainda restrito, que buscou na Ecologia suas abordagens metodológicas para fazer frente aos problemas vivenciados no campo das ciências agrárias, principalmente no referente à sua abordagem sistêmica do meio ambiente. [...] Porém, alguns pesquisadores identificaram os limites dessa abordagem, que apesar de tentar superar alguns paradigmas da ciência convencional, tal qual o reducionismo cartesiano, por outro lado se mantinha ainda dominada pelo positivismo e pelo empirismo (BORSATTO; CARMO, 2012, p. 712).

Positivismo que tem como perspectiva rigor e neutralidade científica, principalmente com a separação entre sujeito e objeto que é marcante quando pensamos na agroecologia com base científica-crítica que pode estar relacionada dentro da perspectiva do Kuhn (2005)

como o novo paradigma – ciência extraordinária. Nestes aspectos as críticas se colocam a partir das perspectivas daquilo que estamos tratando como Agroecologia no pensamento científico crítico, estabelecendo elementos de revolução do paradigma anterior, onde o que se observa é a aproximação da relação entre sujeito e objeto (um influenciando o outro, sentidos de classe), buscando suas contradições internas como base de suas interações (Organograma 1), bem como na relação Homem e Natureza.

Assim, a agroecologia passa a reunir e considerar a interdisciplinaridade – oriundos das disciplinas de humanas e sociais, e de métodos (Materialismo Histórico Dialético, Fenomenologia, Etnografia etc.), bem como os saberes tradicionais camponeses como uma forma de conhecimento (BORSATTO; CARMO, 2012). Mesmo com estes avanços paradigmáticos, o que se observa, em alguns estudos, é permanência de uma ligação com epistemologias das ciências convencionais baseadas no positivismo e nas técnicas, avançando que a agroecologia é mais uma forma de ver/saber o mundo.

Compreendemos que a produção do conhecimento científico pelo campesinato e de sua produção de alimentos agroecológicos, se colocam como forma de ruptura desta epistemologia. Pois, para o MST é possível essa relação Homem e Natureza, em consonância com a agroecologia:

... valorizar a diversidade da produção. E essa harmonia, esse convívio, pra não ter que brigar com a natureza, não tem que confrontar a natureza, nós temos que ter humildade, temos que reconhecer que a natureza é muito maior que nós. Nós somos parte da natureza, mas também somos da natureza, a natureza nos ensina todos os dias, todas as horas, basta a gente ter humildade, saber, é, entender as mensagens que ela nos emite diariamente, então nós não precisamos destruí-la, confrontá-la, não, nós precisamos saber é conviver (Valdecir, em entrevista ao autor em 2020).

Assim, a agroecologia pode ser considerada uma política resistente ao atual modelo de produção e do avanço neoliberal do processo de globalização econômica. E no campo científico, ela promove o desenvolvimento sustentável assentado nas características locais e identitárias criando ações coletivas e participativas no campo (GÚZMAN, 2001).

Esta visão do autor faz parte de um conjunto de debates que envolvem o papel da agroecologia aliado às ideias dos movimentos socioterritoriais e acadêmicos contrapondo alguns governos, empresas/grupos estrangeiros e instituições. Giraldo e Rosset (2017) apontam que estas disputas de ideias estão relacionadas aos elementos políticos ao repensar

o sistema de produção de alimentos a nível mundial. Ou seja, o debate da agroecologia torna-se como um modelo de desenvolvimento baseados em paradigmas.

Os paradigmas que compõem esta realidade são expressos em dois: o Paradigma da Questão Agrária (PQA) e o Paradigma do Capitalismo Agrário (PCA) que buscam em sua essência constituir os parâmetros teórico-ideológicos, pautados na diferenciação dada ao papel do campesinato, portanto, nas propostas de políticas públicas que concorrem entre si dentro da lógica de Estado e de territórios materiais e imateriais. O PCA parte da tendência da agricultura familiar e do agronegócio, subalternizando e integrando o campesinato ao sistema produtivo (tecnificado e mecanizado) do capital, não havendo uma questão agrária a ser debatida, bem como a solução dos problemas gerados por seus processos e pelo sistema podem ser resolvidos dentro do capitalismo por meio de políticas que integrem o campesinato/agricultor familiar. Já no PQA a lógica norteadora é completamente distinta, pois o campesinato se recria no interior do capitalismo e nas suas contradições, buscando formas alternativas de sobrevivência frente aos impactos socioterritoriais em seus territórios construindo um novo modelo de desenvolvimento (FERNANDES, 2005; FELICIO, 2011; CAMPOS, 2012).

E dentro dessa análise estamos considerando o PQA e o PCA não como dualidade, mas como processo antagônico, correlatos ao Modelo de Desenvolvimento do Agronegócio (MDA) e do Modelo de Desenvolvimento do Campesinato (MDC), expressados no Organograma 1. O PQC e o MDC colocam em contraposição dentro da análise agroecológica aos elementos do MDA e seu paradigma. Pois, temos a interdisciplinaridade no campo da ciência, a construção da agroecologia pelos os saberes tradicionais campesinos, objeto e sujeito um influenciando o outro, trabalhando com as diversidades de culturas, ou seja, relações antagônicas do MDC que se produz a partir da monocultura, tendo o trabalho familiar como essência dessa conjuntura dentro destes saberes tradicionais.

Dentro do PCA e do MDA, o elemento chave como artifício de preocupação para pensarmos a agroecologia e seus impactos, é a cooptação da agroecologia pensando na perspectiva nos âmbitos institucional, governamental e de organizações como sendo de base capitalista e com análise daquilo que eles estão pautando como Produto Verde, cooptando formas, saberes e técnicas que estão estabelecidas na prática agroecológica como forma meramente de introdução ao capital. Dentro disso a base tecnicista da agroecologia se coloca

como elemento central e sua produção será e é feita para desmitificar o papel da agroecologia, como produção em grande escala utilizando o trabalho do campesinato e gerando toda a base de contradições que são partes dos processos em diferentes escalas e impactos.

Cabe ressaltar que Borsatto e Carmo (2013a) já apontam a necessidade atentarmos para que a agroecologia não seja cooptada pelos interesses econômicos capitalistas, responsáveis pela crise ambiental relacionada ao sistema agrícola atual com bases na Revolução Verde, uma vez que a Agroecologia deve se colocar como crítica a estes aspectos. Sobre tais aspectos o Militante do MST Valdecir, aponta que isso é meramente um jogo estratégico:

Então, é, eles têm uma estratégia, uma estratégia de marketing como existe hoje essa ideia do cuidado com a natureza, o cuidado com todas as formas de vida, todo esse negócio, é um apelo que tem ganhado muita força no mundo todo, então as empresas também elas vão fazendo o que, eles querem também se ajustar a isso pra fazer com que elas consigam vender mais e conseguem faturar mais. Então, eles ajustam um pouco os discursos, eles vão, inclusive, abrir mão de programas. Uma série de medidas com esse objetivo: criar uma imagem e preservar etc e tal. A contradição é que é as mesmas que fabricam o veneno, os químicos, é os mesmos que fazem o discurso, né, da preservação Tem uma grande contradição, mas isso faz parte do jogo, digamos assim, da ideia da acumulação (Valdecir, em entrevista ao autor em 2020).

Lizárraga e Vacaflores (2008) apontam que na visão do agronegócio, a agroecologia pode se tornar um pacote fechado de ações e técnicas, tendo o produtor como apolítico e submisso, que meramente resulta em produtos com menos agrotóxico, que estabelece controles de dominação no “território campesino, y mediante su discurso tecnificado y productivista, se busca desmovilizar al movimiento campesino...” (p. 246).

A diferença central entre a agroecologia e o agronegócio, está no projeto de desenvolvimento rural, sendo consideradas políticas incompatíveis, pois a primeira prevalece um entrelaçamento político-cultural com a produção camponesa objetivando a sustentabilidade do meio ambiente (COSTA NETO, 2008, p. 72). Assim, faz-se necessário uma ruptura com o Modelo de Desenvolvimento do Agronegócio garantindo sua legitimidade e possibilidade de produção com uma mudança estrutural no território material e imaterial, ou seja, por meio da reforma agrária que consegue garantir o direito ao acesso à terra e sua função social.

A reforma agrária está amparada no Modelo de Desenvolvimento do Campesinato, que permite a reprodução social de diversos sujeitos do campo garantindo a produção de alimentos em consonância com a preservação ambiental, ou seja, produzindo-se de forma agroecológica, tendo um caráter de enfrentamento ao modelo do agronegócio e seu modo de produção cada vez mais globalizado/financeirizado, utilizando-se do trabalho do campesinato:

O modelo convencional do agronegócio com a agroecologia são incompatíveis. Por isso que a agroecologia é uma luta política, é a negação e a afirmação. Ao mesmo tempo que você nega o modelo hegemônico você tá afirmando o alternativo. Então essa ideia da afirmação e da negação, você nega um e afirma o outro (Valdecir, em entrevista ao autor em 2020).

Esta afirmação e negação se dão por meio do debate da agroecologia dentro do seio dos movimentos socioterritoriais, a transformado em Resistências Produtivas, pois os mesmos também constroem seus conhecimentos e suas práticas em contraposição à agricultura convencional, resultando na construção identitária e autonomia de produção, circulação e mercado dentro da análise do campesinato.

Neste sentido, a agroecologia surge também como uma forma de desenvolvimento para o campo que contrapõe o modelo de produção capitalista, ou seja, surge como uma alternativa, que segundo Gúzman (2001), fazendo frente ao avanço do neoliberalismo e do processo de globalização da economia, respeitando o meio ambiente a partir da sua diversidade ecológica e sociocultural dos saberes tradicionais. E nesta contradição, que a luta mundial dos movimentos socioterritoriais é por fazer da agroecologia uma prática de resistência (GIRALDO; ROSSET, 2017).

O MST propõe, esta prática e resistência, através da agroecologia, que foge dos princípios de produção do agronegócio. Sendo um projeto em transição nos territórios do campesinato, retomando suas capacidades produtivas/alimentação, reconstruindo o projeto de soberania alimentar via trabalho em consonância com a natureza (ZARREF, 2018).

Com isso a agroecologia surge dentro do MST para além da prática produtiva no sentido sustentável ao meio ambiente, mas como uma proposta de instrumento político para a realização da reforma agrária, contra o Estado brasileiro e suas políticas públicas, bem como o avanço da agricultura capitalista no campo (BORSATTO; CARMO, 2013b). Em que, o elemento de Formação política dentro dos assentamentos/acampamentos e com os

militantes do Movimento, se transforma como principal meio de se atingir o nível organizativo para a produção agroecológica, buscando por meio de cursos técnicos, ações na acadêmica (especialização/mestrado em agroecologia) fundamentar e cristalizar tal luta, prática e resistência (ZARREF, 2018).

Agregando informação ao debate, Caetano De' Carli (2013) aponta que a partir dos anos 2000 o MST tem como principal bandeira política a agroecologia aliada ao desenvolvimento sustentável, da qual o Movimento vem trabalhando sobre dois sentidos: a) nas questões das experiências agropecuárias que visam a aplicação de modelos consolidados de produção até os mais locais realizados nos assentamentos e; b) no discurso político da prática agroecológica como resistência e abertura para reflexão dentro dos territórios do MST, para uma realização de um processo de transição.

O militante do MST Diro, compreende tais aspectos relacionados a agroecologia como permanência da população do campo, na reflexão de uma outra forma de produção para as famílias camponesas:

O MST tem o entendimento da agroecologia desde uma reforma agrária popular, entendendo que o nosso projeto social de formação pro campo ele vem através do acesso a terra pras famílias sem terra né e a partir do momento que estas famílias tem o acesso a terra elas precisam de condições efetivas de vida e condições dignas de trabalho e de reprodução socioterritorial do campo. E aí nesta perspectiva a agroecologia entra como forma de trabalho e de vida no campo... (Diro em entrevista ao autor em 2020).

Assim, o MST pauta suas práticas para a produção agroecológica na perspectiva contra hegemônica e “por oferecer respostas práticas para que os agricultores possam garantir sua reprodução social” (BORSATTO; CARMO, 2013b, p. 658), ou seja, para o Movimento, “a agroecologia não é só técnica, não é só produção, ela também tem a ver com essa tese de luta” (Valdecir em entrevista ao autor em 2020), estabelecida no seio das atuações do MST no contexto do enfrentamento ao capital e ao modelo convencional de produção do agronegócio que como vimos, tem outra base de significados:

A agroecologia consolidou-se no MST no seu discurso, na produção e nas suas ações políticas como um importante instrumento contra-hegemônico à Revolução Verde. Atualmente, essas experiências irradiam-se em diversas ações, em todas as regiões do país, contra a Syngenta, Bayer, Bunge, Monsanto, Aracruz Celulose, Votorantin, Nestlé, entre outras (DE' CARLI, 2013, p. 118).

Segundo Diro, a agroecologia para o Movimento tem este caráter de enfrentamento, mas também se estabelece numa relação justa com o meio ambiente e com a natureza, numa produção coletiva que respeite as relações sociais nas divisões sexuais e geracionais no campo por meio do cooperativismo e associativismo. Ou seja, relações que envolvem a agroecologia como perspectiva de desenvolvimento da agricultura, bem como produção de alimentos que foge a lógica estabelecida nos territórios do capital/agronegócio.

Fortalecendo assim, a perspectiva do desenvolvimento não só na questão econômica, mas socioambiental, buscando por meio das conflitualidades a territorialização no território do agronegócio:

Pra nós avançar do ponto de vista do nosso território da agroecologia sobre o território deles, né. Então ali são as estratégias de enfrentamento de disputa territorial. Então tem que fazer essa disputa não tem outro caminho. Se nós quiser avançar numa perspectiva dos nossos projetos contra hegemônicos, de prevalecer, vai ter que avançar sobre o território deles, e essa é a estratégia do MST, né (Valdecir, em entrevista ao autor em 2020).

Assim, avançar sobre os territórios do Agronegócio, realizar a reforma agrária no contexto da produção agroecológica é a base de luta do MST, como apontam Borsatto e Carmo (2013b) em que, a defesa da agroecologia dentro Movimento se estabelecem também estas conflitualidades e com o debate da soberania alimentar, apontando por “uma curva ascendente, em contraponto ao discurso de coletivização e fomento de grandes unidades de exploração agrícola especializadas antes vigente” (p. 657).

O militante Diro nos aponta, que a perceptiva de comercialização dos produtos agroecológicos produzidos pelos camponeses do MST, tem que ser pauta de luta, pois são comercializadas de diversas formas/estratégias como: as feiras locais nos municípios (sendo necessário pensar nas suas potencialidade), comercialização direta em que os camponeses vendem para as famílias nas cidades levando nas casas dos consumidores ou eles vão para o assentamento comprar, os projetos coletivos de comercialização de cestas agroecológicas etc.:

Mas, a comercialização é muito importante, porque ela trata diretamente da alimentação da população que é um papel político e social muito importante da reforma agrária, alimentar a população, então a gente comercializá ela chama muito a atenção nesse aspecto e ela visibiliza nossa produção agroecológica (Diro em entrevista ao autor em 2020).

Neste sentido, segundo o militante, agroecologia atua na perspectiva de resgate da identidade do camponesa com a lida na terra e o trabalho, ela contribui para a permanência do campesinato nos territórios camponeses por meio dessa relação, buscando a melhoria na qualidade de vida e a reforma agrária popular como um projeto efetivo.

Na perspectiva direta de enfrentamento contra o projeto hegemônico do capital/agronegócio na sua forma de produção e comercialização, no próximo subtópico apresentaremos o projeto de comercialização das cestas oriundas da produção agroecológica no município de Rosana, mais especificamente no distrito de Primavera no estado de São Paulo (SP), que compõem esta materialização dos debates por ora apresentados, sendo resistência ativa frente ao avanço do capitalismo no campo e uma outra perspectiva de produção e mercado caracterizados via produção da vida.

AS CESTAS AGROECOLÓGICAS EM PRIMAVERA COMO RESISTÊNCIA PRODUTIVA DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA: DA PRÁTICA PRODUTIVA A SOLIDARIEDADE

“...fazer a agroecologia, alimento saudável, é calo na mão...”
Valdeci, MST

Zarref (2018) aponta que no Brasil temos mais de 55 mil famílias do MST produzindo de forma agroecológica nos assentamentos por meio de sementes crioulas, com sistemas extrativistas/agroflorestais, de produção animal produzindo leite/derivados e carne, de produção de cana-de-açúcar/erva-mate/cachaça/melado etc.: “enfim, inúmeras práticas que articulam conhecimento popular e acadêmico, formas organizativas coletivas e muita luta” (p. [1]²).

Segundo o militante Valdecir, o cotidiano do MST hoje, é falar em agroecologia e produção de alimento saudáveis, pois tais ideias foram sendo incorporados como prática militante, política sendo considerada um desafio em vários processos, tanto no aspecto ideológico como no de transição.

Assim, a produção agroecológica torna-se uma forma de resistência produtiva do campesinato, de modo especial do Movimento, promovendo melhores condições de vida e a

² Artigo retirado do link - <https://mst.org.br> – sem identificação de paginação.

soberania alimentar. Como é o caso das 18 famílias do assentamento Gleba XV de Novembro, que fazem parte da Associação Regional de Cooperação Agrícola (ARCA) pertencente ao setor de produção do MST, que produzem de forma agroecológica no município de Rosana no estado de São Paulo (Brasil) e comercializam suas produções com o projeto das cestas agroecológicas na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP) desde 2019.

A história do Projeto das Cestas Agroecológicas em Primavera/Rosana, está ligada ao projeto existente no campus da mesma universidade em Presidente Prudente que se iniciou quando um grupo de estudantes de Geografia foram realizar um trabalho de campo nos territórios da agroecologia no Pontal do Paranapanema. Assim, surgiu a ideia da possibilidade de realização de um projeto que aproximasse a Universidade com o movimento socioterritorial, sendo realizado um estudo de diagnósticos de produtos que poderiam ser ofertados, da sazonalidade e especificidades das culturas a serem produzidas e dos perfis dos consumidores.

Assim, foi criado um grupo no *WhatsApp* com membros Unesp em Presidente Prudente com mais de 100 pessoas, abrangendo posteriormente para a população em geral, sindicatos entre outros. As cestas são comercializadas de 15 em 15 dias, com a ajuda de professores e estudante para sua montagem e comercialização, também com a possibilidade de compra por meio da feira que ocorre simultaneamente a entrega.

Com tal experiência, em 2019, o coordenador executivo professor doutor Guilherme entrou em contato com os responsáveis pelo projeto das cestas em Presidente Prudente na perspectiva de realizar tal ação no campus de Primavera/Rosana, dando início a comercialização dos produtos da ARCA, em suas palavras:

Bom, o projeto da cesta agroecológica é uma coisa que a UNESP tem orgulho de colaborar, de sediar, a importância que os assentamentos tem aqui para o município e a UNESP estando aqui há quase 16 anos, é papel mais que fundamental de ter essa interação e ter essa lógica de buscar auxiliar o assentamento, mas também o assentamento no auxiliar com alimentação saudável, garantindo para nós a questão dos alimentos, principalmente nesse período de pandemia onde a solidariedade deve ser cada vez maior, esse projeto pra nós é uma parceria muito importante que o Cledson trouxe pra nós que a gente consegue trabalhar junto, isso pra nós, pra UNESP como um todo e para o município é fundamental (Guilherme em gravação de vídeo ao autor, 2020).

Segundo Luiz, do setor de produção do MST, o projeto também tem como objetivo abranger a temática da reforma agrária no município tanto com os membros da comunidade acadêmica como o da sociedade em geral, desenvolvendo a questão da soberania alimentar com alimentos saudáveis e com preços acessíveis: “*E o MST mostrar que o território aqui do Pontal do Paranapanema precisa ser repartido pras pessoas que não tem terra, pras pessoas que não tem emprego, pras pessoas que não tem casa*” (Luiz em gravação de vídeo ao autor em 2020).

Em relação aos alimentos saudáveis, são pautados na agroecologia e um dos elementos de destaque na comercialização é a diversidade com alimentos de raízes, frutas, verduras, hortaliças etc., conforme podemos observar no Quadro 1.

Quadro 1: Produtos Comercializados no Projeto das Cestas Agroecológicas			
Produtos comercializados na cesta agroecológicas			Produtos que não integram a cesta
Banana	Alface Lisa	Pimentão	Leite
Mamão	Alface Crespa	Pepino	Cocada
Manga Espada	Almeirão	Rabanete	Requeijão
Jiló	Chicória	Maxixe	Queijo
Laranja	Salsinha	Tomatinho Cereja	Frango/Galinha
Maracujá	Cheiro-Verde	Vagem	Pão
Abacate	Rúcula	Mandioca	Bolacha,
Coentro	Couve	Ovos	Mel
Repolho	Acelga	Farinha de Mandioca	Melado Orgânico
Quiabo	Limão	Pimenta de Cheiro	Açúcar Mascavo Orgânico
Abobora	Colorau	Polpa De Maracujá	Camisas/Bonés
Beterraba	Berinjela	Polpa De Acerola	Agendas/Livros

Fonte: Pesquisa de campo. Org. BUSCIOLI, Lara Dalperio (2021).

A produção destes alimentos, expressados no Quadro 1, é realizada com insumos do próprio lote da família, como esterco (gado e galinha), compostagem a partir da palha com o esterco de gado onde ocorre a adubação por meio da mistura com a água: “*o nil como repelente pra expulsar, né, os insetos que chega e que fazem parte da cadeia... não podemos também eliminar, o nosso objetivo não é esse, é prevenir*” (Luiz em entrevista ao autor em 2020).

Também são realizadas técnicas que permitem maior fertilidade ao solo como adubação com esterco de galinhas e insumos oriundos dos processos realizados no lote, cobertura com a palha seca, realizando a plantação, por exemplo, com abobrinha consorciada

com o milho, com a mandioca e com o feijão de corda em que nas ruas entre a produção corre esta adubação e em períodos de estiagem para deixa-la úmida ocorre um processo de irrigação.

Posteriormente a produção, ocorre o processo de reserva das cestas e dos produtos agroecológicos no grupo via WhatsApp intitulado “Cestas Agroecológicas” com a participação de 151 pessoas. Sendo que a comercialização desta produção é realizada na mesma lógica que no município de Presidente Prudente, a cada 15 dias do horário das 9 horas ao meio dia, se estendendo caso necessário.

No início da manhã entre as 7:30 – 8:30 horas, ocorre a montagem das mesas das quais os produtos serão expostos, depois é realizada a separação dos produtos oriundos das cestas agroecológicas, dos pedidos avulsos e da feira com a compra sem reserva conforme podemos observar nas Figuras 1, 2 e 3.

Figura 1: Painel fotográfico - Montagem das cestas para comercialização dos produtos agroecológicos em Primavera (SP)



Fonte: BUSCIOLI, Lara Dalperio (2021).

A Figura 2 apresenta as cestas agroecológicas já montadas para início da comercialização com frutas, verduras e legumes e a Figura 3 apresenta os produtos que estavam sendo comercializados na feira de forma avulsa, como pães, bolachas, mel, rabanete, cebolinha, alface, vagem, rúcula, abacate, maracujá, laranja etc.

Figura 2: Cestas Agroecológicas para comercialização



Fonte: BUSCIOLI, Lara Dalperio (2021).

Figura 3: Feira para comercialização dos Produtos agroecológicos em Primavera – São Paulo



Fonte: BUSCIOLI, Lara Dalperio (2021).

Luiz nos afirmou que há uma divisão entre as famílias internamente aos lotes e o recebimento em reais da comercialização é feito por quinzena pela ARCA: *“tem dado uma renda bastante... assim, ajuda muito porque consegue pagar uma internet, um botijão de gás, uma energia elétrica, as pessoas falam com essas palavras, complementa a renda do assentamento”* (Em entrevista ao autor em

2020). Assim, observamos que as cestas agroecológicas contribuem para a permanência dos camponeses em seus territórios, contribuindo para questões de infraestruturas e de subsistências:

A família tal produz a banana, a família do seu Zé produz a abóbora, a outra produz o alface, o outro produz o queijo, o pão e assim a gente faz um processo de divisão dentro do assentamento, as famílias recebem por quinzena, tem dado uma renda bastante... assim, ajuda muito porque consegue pagar uma internet, um botijão de gás, uma energia elétrica, as pessoas falam com essas palavras, complementa a renda do assentamento (Luiz em entrevista ao autor em 2020).

Exemplificando a fala do militante, a figura 4 apresenta a sua produção no assentamento Gleba XV de Novembro realizada sob o viés agroecológico em consonância com a natureza, produzindo abóbora, couve etc.

Figura 4: Produção agroecológica de Luiz no assentamento Gleba XV de Novembro comercializada no projeto das cestas



Fonte: BUSCIOLI, Lara Dalperio (2021).

Essa produção é realizada de forma familiar, em que se preza a natureza sem a destruição com o trabalho de produção dos camponeses envolvidos que iniciam o processo de transição agroecológica e não voltam para a produção convencional. Conforme fala do militante Valdecir “É mais fácil conquistar alguém do modelo convencional do que alguém

do modelo convencional conquistar alguém que faz produção agroecológica” (em entrevista ao autor em 2020).

Assim, compreendemos que a agroecologia vem fortalecer a autonomia camponesa de produção, pois seu objetivo é: “trabalhar com e alimentar sistemas agrícolas complexos onde as interações ecológicas e sinergismos entre os componentes biológicos criem, eles próprios, a fertilidade do solo, a produtividade e a proteção das plantas” (ALTIERI, 1998, p. 23).

Segundo Luiz o projeto das cestas agroecológicas tem suma importância, principalmente no aspecto da contribuição da transição da produção agroecológica, bem como na contribuição dos assentados na alimentação das populações de Primavera e Rosana, com a comunidade acadêmica e ao mesmo tempo que estes sujeitos contribuem para a agricultura camponesa, pois a agroecologia é um ensinamento de dois vieses.

Segundo dados de pesquisas de campo a partir das reservas, em 2019 foram comercializadas 101 cestas agroecológicas, 57 queijos e 46 pães que são os principais produtos, já no ano de 2020 o projeto triplicou o crescimento dos pedidos de cestas agroecológicas, sendo comercializadas 304 cestas, 302 queijos e 142 pães dos pedidos reservados, evidenciando a importância do projeto na soberania alimentar durante a Pandemia. Cabe ressaltar que ainda são vendidos de forma avulsa, todos os produtos que vem nas cestas na parte da feira.

O militante Diro nos aponta que por meio desta comercialização dos produtos agroecológicos que os consumidores da cidade, conhecem a estrutura de produção do MST, conhecem a forma de trabalho, suas ferramentas e perspectivas, ou seja, o que os camponeses estão fazendo na terra, evidenciando as trocas de conhecimentos e de práticas entre consumidores e produtores.

Lima (2017) aponta que a implementação das feiras não tem como característica geral, apenas a venda direta, mas sua configuração está estritamente ligada aos aspectos agrários no Brasil, como a concentração de terras, os oligopólios internacionais na agricultura e principalmente na contribuição da qualidade de vida dos consumidores e melhores condições de vida aos camponeses produtores.

Em relação a melhoria na qualidade de vida da população, exposta pelo autor, cabe destacar que na atualidade em tempos de pandemia, o MST realizou 67 doações de cestas

agroecológicas para famílias carentes de Primavera e Rosana (figuras 6 e 7), compondo um período especial de suas ações, dando maior visibilidade para suas produções e causas políticas. Pois para o Movimento: *“o princípio é olhar pro próximo com carinho, com solidariedade e o nosso papel é produzir em cima do nosso território que é a nossa terra e produzir sem veneno porque veneno, os químico tira a vida e a agroecologia salva-vidas”* (Luiz em entrevista ao autor em 2020).

Este debate confirmam as análises de Dourado (2012) ao considerar que as feiras, e no caso deste trabalho, a comercialização das cestas agroecológicas e da feira, como espaços de resistência na contribuição direta da (re)afirmação dos valores e da cultura do campesinato, fruto de seu trabalho na terra e com a terra, na perspectiva solidaria.

O MST está fazendo essa proposta de doação em consonância com a Campanha Nacional de Doação de alimentos e está fomentando além da alimentação saudável delas um pouco a mais de esperança a esse momento pandêmico que estamos vivo. Indo de frente com as ações que estão colocadas para o agronegócio da qual o Movimento tem debatido, feito essa proposta e contribuído para a região do Pontal do Paranapanema.

A Figura 5 representa as cestas solidárias já montadas esperando sua entrega para a comunidade de Rosana (SP), que foi exemplificada na figura 6 e 7.

Figura 5: Cestas solidárias para entrega



Fonte: BUSCIOLI, Lara Dalperio (2021).

Cabe ressaltar, que as cestas solidárias são montadas separadamente e são entregues via reserva da qual os consumidores informam o nome da família que vai receber e quem irá retirar, se será a mesma ou outra pessoa, conforme a Figura 6 da qual Joseni foi responsável pela retirada de duas cestas para entregar a duas famílias em situação de vulnerabilidade social em Primavera.

Figura 6: Entrega das Cestas Solidárias à comunidade de Primavera (SP)



Fonte: BUSCIOLI, Lara Dalperio (2021).

O perfil das famílias que recebem as cestas solidárias são os mais variados: Famílias que já vivem numa vulnerabilidade social; famílias de idosos; famílias das quais a mulher é a componente principal na geração de renda, mas com companheiro; famílias das quais a mulher é solo com filhos menores de idade – adolescentes, crianças e bebês; mulheres/mães que ficaram desempregadas devido a Pandemia com a não realização de trabalhos domésticos; famílias das quais o homem, como provedor de renda, perdeu o emprego; e, famílias das quais o provedor autônomo não teve mais condições de continuar seu trabalho, como é o caso do consumidor Marcos que trabalha como taxista na região e não teve mais serviço disponível diante da pandemia.

Na perspectiva de Marcos, ele é muito agradecido pela doação das cestas agroecológicas para sua família que está passando por dificuldades na questão da soberania

alimentar, conforme podemos analisar em sua fala: “*Que deus possa abençoar grandemente vocês, o pessoal que tá dando essa força pra quem tá precisando nesse momento difícil que tá todo mundo passando aí, deus abençoe todos vocês?*”.

Neste contexto, o consumidor Rodrigo nos aponta que os povos do campo, em especial os sem terras, vem trazendo essa contribuição das cestas para Primavera/Rosana com produtos de qualidade, ajudando as famílias carentes, sendo um processo importante, pois a cidade não sobrevive sem o campo. Ou seja, para ambos consumidores há um processo de ajuda mútua entre eles na comercialização e pelos camponeses na produção.

Segundo o coordenador executivo da Unesp em Rosana e consumidor Guilherme, o projeto permite que os consumidores conheçam a história de vida de quem está produzindo os alimentos saudáveis, contribuindo e cuidando um com os outros numa relação de amizade e cordialidade.

Essa relação de amizade e cordialidade, são uma das principais características nos mercados camponeses na venda direta dos produtos, como é o caso do projeto estudado. Segundo Peccini, Hartmann e Christoffoli (2015), há um processo de aproximação entre os camponeses e os consumidores construindo relações de amizade numa situação de venda e preços mais baratos, relação de respeito e partilha de diferentes saberes e de solidariedade. Podendo ser evidenciado na fala do consumidor Jonatan:

Toda semana a gente compra produtos que não tem agrotóxico e é muito importante pro pequeno produtor, né, agricultura familiar e é isso pessoal. Acho muito importante a galera consumir esse tipo de produto aqui da nossa região, é bem mais perto, evita o preço mais alto das grandes empresas, vamos dizer assim, né, aqui é 100% natural (Jonatan em entrevista ao autor em 2020).

Assim, criam-se vínculos que vão além do aspecto financeiro de compra e venda, mas de relações de confiança, relações harmônicas entre os sujeitos, relações que se compreendem as necessidades um dos outros, ou seja, representando um caráter socioafetivo naquele território (O'LOIOLA; MARTINS, 2017). Batista (2014), coloca a confiança nos produtores como um dos elementos de sociabilidade e afetividade na feira em relação aos consumidores, em que a qualidade do produto está baseada na confiança da palavra dos produtores camponeses: “Para eles o aspecto que associado à confiança determina a decisão de compra é a sanidade dos produtos” (p. 73).

Estes fatos foram observados em todas as falas das quais tivemos a oportunidade de adquirir por meio da pesquisa de campo, tais como a de Fábio:

... apoio o MST há muitos anos. Sou parte político partidário de esquerda e... tenho como princípio me alimentar através de produtos orgânicos. Não compro em supermercado e venho apoiando desde o início a feira agroecológica do MST e acho que o trabalho deles é fundamental pra que tenhamos um novo olhar a respeito do que é a gestão da natureza de alimentos com, sem produtos ofensivos pra nossa saúde e pros alimentos e é isso. Acho que apoiar o MST é apoiar a nossa vida mais saudável (Fabio em vídeo gravado ao autor, 2020).

As falas dos consumidores Maria e Andriara, apontando que os produtos oriundos da reforma agrária na característica de produção sem agrotóxicos, são importantes para a saúde, com produtos de alta qualidade, com diversidade favorecendo uma ótima alimentação. A fala de Mario resume todos os aspectos que o projeto estudado representa: “*Produto orgânico, sem agrotóxico. Pra saúde da gente isso é importante, espero que isso seja divulgado e que as pessoas compareçam e veja a importância do assentamento para o nosso município, né, traz riqueza, saúde e é isso que nós precisamos*”.

Neste sentido as feiras agroecológicas e seus consumidores tem um aspecto de ligação com a questão política da alimentação, sendo um importante instrumento de comercialização, geração de renda e dos aspectos da soberania alimentar local, bem como, criam laços de afetividades com os produtores evidenciando na questão política que a reforma agrária é um caminho possível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos neste trabalho a importância da análise paradigmática para pensarmos agroecologia enquanto ciência – veracidade científica e objeto científico – e como ela se estabelece nesse âmbito imaterial que resulta nessas materialidades, nas formas de ações, nas disputas, nas conflitualidades, das quais o Projeto das Cestas Agroecológicas de Primavera/Rosana faz parte.

Dentro desta análise paradigmática há diferentes autores e sujeitos que vão trabalhar as formas, as técnicas agroecológicas que no seio deste debate se complementam a partir da visão política da agroecologia para compreendermos a essência dos problemas oriundos dessa questão ambiental via sistema capitalista em contraposição ao PCA que estabelece como modelo analítico os pacotes tecnológicos, utilização e insumos.

A agroecologia para o MST já se consolidou como projeto político dentro do Movimento que se materializa nas práticas realizadas dentro dos assentamentos de reforma

agrária, assim ela é considerada uma técnica, um saber e uma política. Hoje, dizer sobre produção agroecológica é falar sobre os processos de resistências ao atual modelo de produção que se coloca hegemônico, mas em sua totalidade não se configura, visto que as ações não capitalistas estabelecidas nos territórios camponeses, nos mostra uma outra possibilidade.

Assim, o Projeto das cestas agroecológicas se estabelece enquanto resistência produtiva do MST e vem crescendo consideravelmente, gerando renda para os camponeses da ARCA, levando alimentos saudáveis livres de agrotóxicos a comunidade local, bem como contribui para o debate da soberania alimentar mesmo que localmente, com a doação de cestas para famílias carentes frente ao período de pandemia e na relação de confiabilidade com os consumidores, trazendo laços afetivos.

Além dessa contribuição com a comunidade local, o projeto tem contribuído para qualificação no processo de transição da produção dos assentados da Gleba XV de Novembro, promovendo e consolidando esta forma de produção, de luta pela vida na terra e reforma agrária, fomentando a renda dos assentados na venda direta dos seus produtos, sem a figura do atravessador, em que os consumidores conhecem a origem dos alimentos que estão consumindo. Conforme fala de Luiz em entrevista ao autor em 2020: “... *o maior problema hoje é você comer uma banana dessa e não saber de onde veio, você comer uma farinha dessa daqui e não sabe de onde veio, isso é um problema...*”

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R. A. de. **Identidade, distinção e territorialização: o processo de (re)criação camponesa no Mato Grosso do Sul**. 391f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2003.

ALTIERI, M. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

BATISTA, M. A. da S. **Questão Agrária e Campesinato: A Feira Agroecológica Como Uma Estratégia De Consolidação Camponesa**. 109 f. Dissertação em Geografia. Universidade Federal do Ceará. FORTALEZA, 2014.

BORSATTO, R.S.; CARMO, M. S. do. Agroecologia e sua epistemologia. **Interciência**, v.37, n.9, p. 711-716, 2012.

BORSATTO, R. S.; CARMO, M. S. do. A Agroecologia como um campo científico. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 8, n. 2, p. 4-13, 2013a.

BORSATTO, R. S.; CARMO, M. S. do. A construção do discurso agroecológico no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST). **Revista de Economia e Sociologia Rural**, v. 51, n.4, p.645-660, 2013b.

DE' CARLI; C. O discurso político da agroecologia no MST: O caso do Assentamento 17 de Abril em Eldorado dos Carajás, Pará. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 100. P. 105-130, 2013.

CAMPOS, J. F. de S. **Leituras dos Territórios Paradigmáticos da Geografia Agrária: Análise dos Grupos de Pesquisa do Estado de São Paulo**. 389 f. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, 2012.

COLOGNESE, S. A.; MELO, J. L. B. A Técnica da Entrevista na Pesquisa Social. Porto Alegre: **Cadernos de Sociologia**, 1998, v. 9, p. 143-159.

COSTA NETO, C. Relações entre agronegócio e agroecologia no contexto do desenvolvimento rural brasileiro. In: FERNANDES, B. M. **Campesinato e agronegócio na América Latina: a questão agrária atual**. São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 71-81.

DOURADO, J. A. L. Feiras livres e reprodução camponesa: Interfaces da Relação Campo – Cidade. Anais do XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária: Territórios em disputa: desafios da geografia agrária nas contradições do desenvolvimento brasileiro. **Anais...** Uberlândia – MG, 15-19 de outubro 2012.

FELICIO, J. M. **Contribuição ao Debate Paradigmático da Questão Agrária e do Capitalismo Agrário**. 214 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, 2011.

FERNANDES, B. M. **Questão agrária: conflitualidade e desenvolvimento territorial**. 2005. Disponível em: <<http://www.geografia.fflch.usp.br>>. Acesso em: 18 fev. 2021.

FERNANDES, B. M. Quando a agricultura familiar é camponesa. In: Hidalgo, Francisco. Houtart, François. Lizárraga, Pilar. **Agricultura Campesina em Latinoamérica: propuestas y desafios**. Quito: Editorial Instituto de Altos Estudios Nacionales, 2014.

FLECK, L. **Gênese e desenvolvimento de um fato científico**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

FLORIANI, N.; FLORIANI, D. Saber Ambiental Complexo: aportes cognitivos ao pensamento agroecológico. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 5, n. 1, p. 3-5, 2010.

FOOTE-WHYTE, W. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, A. Z. (org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. p. 77-86.

GIRALDO, O. F.; ROSSET, P. M. Agroecology as a territory in dispute: between institutionality and social movements. **The Journal of Peasant Studies**. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/03066150.2017.1353496>>. Acesso em: 04 mar. 2021.

GUZMÁN, E. S. Uma estratégia de sustentabilidade a partir da agroecologia. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**. Porto Alegre, v.2, n.1, jan./mar.2001.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

LIMA, A. B. de. **Camponeses e feiras agroecológicas na Paraíba**. 414 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017

LIZÁRRAGA, P.; VACAFLORES, C. Proyecto de dominación y resistencia campesina - el caso de Tarija, Bolivia. In: FERNANDES, B. M. **Campesinato e agronegócio na América Latina: a questão agrária atual**. São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 225-248.

MAY, T. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. Porto Alegre: ArtMed, 2004.

MENDONÇA, M. A. F. C. **Agroecologia e indicadores de sustentabilidade: uma revisão teórico-metodológica**. 100 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural – Magister Scientiae) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa – Minas Gerais, 2011.

O'LOIOLA, V. de; MARTINS, H. A. A Importância da Feira de Economia Solidária e Agroecologia (FEISOL) como alternativa para a comercialização de produtos oriundos da Agricultura Camponesa em Cáceres-MT. Anais VIII Simpósio Internacional de Geografia Agrária - Geografia das redes de mobilização social na América Latina: resistências e rebeldia desde baixo nos territórios de vida. **Anais...** Curitiba (PR), 1 a 5 de novembro de 2017.

PECCINI, M. D; HARTMANN, L. Ca.; CHRISTOFFOLI, P. I. Experiência das feiras livres da agricultura familiar camponesa. Anais III Jornada da Questão Agrária e Desenvolvimento: os sujeitos na soberania alimentar. **Anais...** Curitiba, 12-13 de novembro de 2015.

ROSSET, P. M.; MARTÍNEZ-TORRES, M. E. Rural social movements and agroecology: context, theory, and process. **Ecology and Society**. 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5751/ES-05000-170317>>. Acesso em: 20 fev. 2021.

ZARREF, L. **Agroecologia e o MST. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**, 24 out. 2018. Disponível em: <<https://mst.org.br>>. Acesso em: 15 jan. 2021.

Submetido em dezembro de 2021

Aceito em dezembro de 2022